



**FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ONTOPSICOLOGIA**

CAMILLA BRITES CAETANO

**O impacto da leitura literária de obras clássicas em alunos da
Antonio Meneghetti Faculdade: um estudo empírico
em base a algumas características do Em Si ôntico**

**Recanto Maestro
2023**

CAMILLA BRITES CAETANO

**O impacto da leitura literária de obras clássicas em alunos da
Antonio Meneghetti Faculdade: um estudo empírico
em base a algumas características do Em Si ôntico**

Artigo apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Especialista em
Ontopsicologia, Curso de Especialização em
Ontopsicologia *Lato Sensu*, Faculdade
Antonio Meneghetti - AMF.

Orientadora: Profa. Dra. Annalisa Cangelosi

Recanto Maestro
2023

CAMILLA BRITES CAETANO

**O impacto da leitura literária de obras clássicas em alunos da
Antonio Meneghetti Faculdade: um estudo empírico
em base a algumas características do Em Si ôntico**

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Ontopsicologia, Curso de Especialização em
Ontopsicologia *Lato Sensu*, Faculdade Antonio
Meneghetti - AMF.

Orientadora: Profa. Dra. Annalisa Cangelosi

Recanto Maestro, Restinga Seca, ____ de _____ de ____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. **Annalisa Cangelosi**
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof. Dr. **Marcelo Tatsch**
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Profa. Dra. **Claudiane Weber**
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

**O IMPACTO DA LEITURA LITERÁRIA DE OBRAS CLÁSSICAS EM ALUNOS DA
ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE: um estudo empírico
em base a algumas características do Em Si ôntico**

Camilla Brites Caetano

RESUMO: Este projeto nasce de uma inquietação sobre a relação entre jovens e livros, do qual nasceu o seguinte problema de pesquisa: É possível observar os efeitos da leitura literária de obras clássicas para identificar um impacto existencial nos acadêmicos? Apresento a leitura literária para evidenciar os benefícios de ler os clássicos. Apresento o projeto-base de natureza do homem conforme a ciência ontopsicológica para investigar os efeitos provocados pela leitura literária. Verifico os efeitos da leitura literária em alunos que cursam o ensino superior na Faculdade Antonio Meneghetti, no Recanto Maestro, para evidenciar um impacto existencial no que diz respeito a algumas das características do Em Si ôntico. Para tanto, realizei pesquisa bibliográfica, proposta de leitura individual, aplicação de questionário individual e entrevista em grupo e a colheita de percepções dos alunos ao lerem obras literárias clássicas. Como resultados parciais, notei um interesse significativo dos alunos em desenvolver e aprimorar o hábito de leitura, sugerindo um possível espaço em direção ao fomento da literatura nos bancos acadêmicos. E evidenciei uma inclinação positiva para reconhecer a relevância da leitura e repensar o uso do tempo livre pelos jovens.

Palavras-chave: leitura literária; cultura clássica; Ontopsicologia; Em Si ôntico.

ABSTRACT: This project arises from a concern about the relationship between young people and books, which generated the following research problem: Is it possible to observe the literary reading effects of classic books to identify an existential impact on undergraduate students? I present literary reading to highlight the benefits of reading the classics. I present nature's base project of man according to the Ontopsychological Science to investigate the effects caused by literary reading. I verify the effects of literary reading on students of higher education courses at Faculdade Antonio Meneghetti, in Recanto Maestro, to highlight an existential impact with regard to some of the characteristics of the ontic In Sé. To this end, I carried out bibliographical research, proposed individual readings, administered an individual questionnaire, group interviews and collected students' perceptions when reading classic literary works. As partial

results, I noticed a significant interest from students in developing and improving their reading habits, which suggests a possible space towards promoting literature in academic contexts. And I was shown a positive inclination to recognize the relevance of reading and rethink the use of free time by young people.

Keywords: literary reading; classical culture; Ontopsychology; ontic *In Sé*.

1 INTRODUÇÃO

O tema da possibilidade de a leitura literária impactar o leitor foi escolhido porque entendo que a literatura compõe a formação vivencial de construção da pessoa. A partir de narrativas ficcionais é possível observar e aprender novas maneiras de agir no mundo, por como as personagens e as histórias são construídas, além de reunir repertório cultural com o incremento de vocabulário, a formação do imaginário e o desenvolvimento de empatia.

Entendo que o imaginário é aquele espaço metafórico onde repousa a matéria-prima dos nossos pensamentos. E quando me refiro a desenvolver empatia penso na tentativa mesma de estar no lugar do outro – um esforço para imaginar o que um diverso de mim pensa ou sente.

Estudar cientificamente o impacto da leitura literária no leitor justifica-se na medida em que sou entusiasta da leitura desde a alfabetização. Construo meu imaginário a partir de vivências de histórias ficcionais, tenho personagens que se tornaram amigas e cultivo uma biblioteca pessoal que cresce a cada ano, ocupando tanto o coração quanto as prateleiras de madeira cujo peso já compromete sua estrutura.

Difundo o hábito de leitura para outras pessoas, no mundo presencial e virtual. Em 2012, comecei um blog literário chamado “*Companhia de papel - Despretensioso diário de leituras, por Camilla Brites Caetano*”. Em 2013 e nos anos subsequentes, fundei e coordenei clubes de leitura na cidade de Santa Maria, promovendo a literatura compartilhada com leitores de diversas idades e interesses. A contínua atividade originou, em 2019, meu primeiro livro publicado, em que proponho um método de formação de clube de leitura.¹

Em base a essa perspectiva pessoal colhi fortes evidências de que leitores alcançam uma compreensão mais ampliada e profunda dos acontecimentos da vida por conta das leituras ficcionais, sobretudo de cânones da literatura mundial. A literatura proporciona um espelhamento da própria vida na medida em que se lê a partir do que se é. Entendo que tal dialética é um caminho profícuo para a realização de si mesmo.

Assim, penso que providenciar a difusão da leitura literária no âmbito acadêmico é permitir a expansão cultural do futuro profissional para além do tecnicismo. A sorte de quem ocupa bancos acadêmicos é o contato com inteligências superiores que compõem o diversificado catálogo de uma biblioteca universitária, porém tal fortuna se esvanece caso fique restrita apenas às obras técnicas.

¹ CAETANO, Camilla Brites. *Clube de leitura: descubra como fazer, fazendo*. Santa Maria: Ed. da autora. 2019.

Então, a partir do problema de pesquisa “É possível observar os efeitos da leitura literária de obras clássicas para identificar um impacto existencial nos acadêmicos?”, delineei como objetivo geral “observar os efeitos da leitura literária de obras clássicas para identificar um impacto existencial nos acadêmicos da Faculdade Antonio Meneghetti”.

E apontei como objetivos específicos: a) apresentar a leitura literária para evidenciar os benefícios de ler os clássicos; b) apresentar o projeto-base de natureza do homem conforme a ciência ontopsicológica para investigar os efeitos provocados pela leitura literária; c) verificar os efeitos da leitura literária em alunos que cursam o ensino superior na Faculdade Antonio Meneghetti, no Recanto Maestro, para evidenciar um impacto existencial no que diz respeito a algumas das características do Em Si ôntico.

A temática que escolhi pesquisar tem relevância teórica porquanto os efeitos da leitura na vida do leitor é tema recorrente para os apreciadores das letras. Senão vejamos Italo Calvino, Umberto Eco, Alberto Manguel, Michèle Petit, que dedicaram grande parte de suas obras para enaltecer a experiência da leitura. Daí decidi ampliar os estudos especificamente na Faculdade Antonio Meneghetti, tendo em vista que esta instituição tem uma pedagogia baseada na Ontopsicologia e isso poderia influenciar a resposta dos alunos.

No que diz respeito à relevância social/científica, sinto que a retomada de contato com obras clássicas a partir do encontro analógico com um livro pode ser fértil numa sociedade cada vez mais virtual e automatizada. Cultivar um hábito, por assim dizer, tradicional, pode contribuir para a centralização do homem nele próprio e não no externo. E a literatura clássica contempla valores humanistas², que são a pedra fundamental para a refundação do conceito de humano.

Acredito que é possível orientar a própria inteligência a partir da inclusão da leitura no miricismo cotidiano³ como contribuição para a construção de repertório e para a revisão crítica de si mesmo. Friso que a escolha de quais obras literárias farão parte da jornada de vida de cada um é útil para direcionar o investimento do seu tempo e revela a abertura de possibilidades

² Em seu livro *Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene*, Meneghetti apresenta os principais valores do Humanismo histórico-civil: a) vida ativa [que a verdade se faz pela ação no presente]; b) socialidade [que o indivíduo é um ser social, devendo fazer evolução em conjunto com os outros]; c) liberdade; d) dignidade do homem (“... isto é, o dever de respeito, sacralidade, transcendência, superioridade que todo homem tem defronte a um outro homem ou a uma outra autoridade qualquer”) (2014, p.56-59).

³ Conforme Meneghetti: “Caso se queira o ‘mais’ de si mesmo, deve-se controlar os próprios remotos particulares, as migalhas, a poeira, o próprio pequeno miricismo cotidiano.” (2020, p. 390)

quicá surpreendentes. Por isso entendo interessante demonstrar uma visão do que são as obras consideradas clássicas para alguns autores, sem a pretensão de esgotar toda a temática.

Algo na relação entre um leitor e um livro é reconhecido como sábio e frutífero (MANGUEL, 1997, p.35). Diante dessa potencialidade, a presente pesquisa intenciona a observação dos efeitos que a leitura literária pode causar no aspecto existencial dos acadêmicos, ainda que o recorte temporal de coleta de dados tenha sido restrito a um momento do semestre.

Além disso, esta pesquisa justifica-se com o intuito de evidenciar o acervo da Biblioteca Humanitas e qual seu propósito. É bom dizer que os livros que habitam uma biblioteca só adquirem vida se abertos por mãos interessadas e olhos ávidos de saber, motivo pelo que a riqueza da Humanitas precisa ser conhecida e reconhecida.

Os resultados alcançados com este trabalho poderão servir de embasamento para futuras pesquisas e compreensão pela comunidade acadêmica e público em geral de que a promoção da prática e da cultura literária dentro do ambiente acadêmico é ferramenta para ser, saber e fazer mais.

No próximo tópico, na Fundamentação teórica (item 2) serão apresentados alguns trabalhos e autores que cuidaram de temas como leitura literária, clube de leitura e literatura clássica, e chegaram a conceitos que ora contribuem para esta pesquisa. Em seguida, serão apresentados o Método (item 3) e Resultados e discussão (item 4).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A importância do ato da leitura para mim tem origem em recordações da infância, desde as coleções de contos de fada que recebi de presente até as fichas acartonadas coladas na contracapa de livros da biblioteca escolar do ensino básico.

A leitura era um dos canais de apreensão do mundo aos incipientes letrados do jardim de infância. Os conhecimentos educacionais chegaram inicialmente pela observação, escuta e curiosidade, até que num belo dia foi possível correr o olhar sobre caracteres e disso surgiu uma ideia. Na inteligência de Meneghetti, “Tudo o que toca o ouvido e o olho é mais abundante, ao contrário do que toca apenas a mente, como a palavra, que não é nem orelha e nem olho” (2020, p. 344).

À potência e ao ato da palavra tocar a pessoa, eu e outros tantos chamamos literatura: a possibilidade de encontrar ideias e saberes no que está escrito; a arte de encontrar recônditos desconhecidos dentro de si mesmo a partir das histórias dos livros. E “a literatura enquanto *logos* é uma série de janelas, ou mesmo de portas, pela qual temos a sensação de sair ou, noutra ponta de vista, de entrar” (LEWIS, 2020, p. 16).

Uma das principais formas de contato com o mundo se dá pela visão, sentido capaz de nos apresentar a realidade ou a ficção, o mundo da literatura. O plano da imaginação é sobremaneira expandido quando nossos olhos recaem sobre livros e histórias. Como refere Manguel, “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (1997, p.20).

Assim, é fundamental pensar a leitura literária, diferenciando-a de outros tipos de leituras, a partir de alguns pesquisadores e de autores consagrados como Italo Calvino, Umberto Eco, Alberto Manguel, Michèle Petit, Marcel Proust e Antonio Meneghetti, escolhidos por interesse pessoal, já que reúno diversas obras destes autores em minha biblioteca.

O português Carlos Ceia escreve que a questão ontológica mais atual nos estudos literários também não é a que Jean-Paul Sartre colocou em *O Que É a Literatura?*, mas antes: *O que não é a literatura?*, e refere que aprendeu a ler através dos lugares mais comuns da própria literatura e, ainda, aprendeu que ler tudo é o melhor remédio para saber hoje o que é que vale a pena ler (2017, p.2).

Os contornos do conceito de leitura literária são trazidos para situar a temática, inclusive para demonstrar que não há unanimidade sobre tais limites. É evidente que a classificação técnica importa, mas “o livro que mais conseguir mudar a nossa visão do mundo será sempre o melhor livro que lemos e que devemos aconselhar a ler” (CEIA, 2017).

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 1990, p. 19).

Nunes diz que a leitura literária permite o amadurecimento do aluno, contribuindo para a organização de seus pensamentos, suas dificuldades e seus desafios, e referencia Paulino e Cosson no sentido de que, “como modalidade de conhecimento, a literatura viabiliza a reflexão sobre os problemas que os seres humanos vivenciam. Essa reflexão possibilita esse amadurecimento e o habilita a enfrentar os desafios que a vida oferece cotidianamente.” (2019, p.67).

Ainda enaltecendo determinadas vantagens da leitura literária, Michèle Petit diz:

Muitas mulheres e alguns homens, em número um pouco menor, leem pelo prazer de descobrir e para inventar um sentido para suas vidas, inclusive nos meios populares. Para sair do tempo, do espaço cotidiano e entrar em um mundo mais amplo; para se abrir ao desconhecido, se transportar para universos estrangeiros, deslizar na experiência do outro ou outra, se aproximar do outro que vive em nós mesmos, domesticá-lo, temê-lo menos. Para conhecer as soluções que outros deram para o problema de estar de passagem pela terra. Para habitar o mundo poeticamente e não apenas estar adaptado ou inadaptado a um universo produtivista. (2013, p. 144).

Agora, levo a leitura literária para uma perspectiva coletiva, e apresento a origem e os possíveis significados de clube de leitura, já que pensar a leitura de forma compartilhada coaduna com os objetivos desta pesquisa.

Fenômeno antigo, muito presente no mundo anglo-saxônico no século XIX, os clubes de leitura tiveram, durante algum tempo, uma imagem obsoleta. Interessavam pouco aos pesquisadores, com raras exceções. A partir dos anos 1990, contudo, eles se multiplicaram em vários países e havia centenas, milhares, na Inglaterra, e outros milhares nos Estados Unidos. Hoje são atores influentes com os quais as edições e o comércio do livro devem contar. Longe de frear o seu progresso, o uso da internet o ajudou. Nos países de língua inglesa, esses clubes reúnem muito mais mulheres do que homens; dois terços delas têm mais de quarenta anos e, na maioria das vezes,

fizeram curso superior. Reúnem-se em diferentes lugares, privados e às vezes públicos, especialmente em bibliotecas (PETIT, 2010, p.149).

Relativamente à sociabilidade em clubes de leitura e sua contribuição para formar uma sensibilidade e educação sentimental, Petit refere que “os espaços coletivos de leitura tiram cada um de sua solidão, fazem-no compreender que esses tormentos são compartilhados pelos que estão ao seu lado, mas também por aqueles que encontra nas páginas lidas ou por quem as escreveu” (2010, p. 165).

Apraz-me sobremaneira integrar leitores e promover a literatura compartilhada, de modo que formalizei esse assunto em livro:

“Num clube de leitura a consciência da diversidade é o fator que leva (e eleva) cada leitor para um nível especial de sensibilidade e empatia, e se a leitura é construtora e fortalecedora da subjetividade, a leitura compartilhada é tudo isso de maneira ampliada” (CAETANO, 2019, p.26).

Para adentrar aos clássicos, começo por sua conceituação. Italo Calvino nos brinda com um capítulo certeiro que dá nome ao seu livro “Por que ler os clássicos”, cujo rol de justificativas não apenas situa essa categoria de livros como aponta luzes para escolhas mais acertadas.

Calvino diz que “os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (1993, p. 11).

No item subsequente, nos resultados e discussão, ficará evidente que mesmo sem saber com exatidão a definição de “clássicos”, os leitores-entrevistados intuem que se trata de algo mais perene e constante e que dá luz para o que vem depois. Sentem certa identificação genuína com seu conteúdo, ao mesmo tempo em que traz novidade. Essa impressão é avalizada por Calvino, quando refere que

Um clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência (1993, p. 12).

Uma indagação que floresce, notadamente quando pesquiso sobre literatura é, em tendo um livro clássico como opção, o que motiva a sua leitura e não a de outro contemporâneo recém-lançado?⁴ A busca por uma resposta a esta pergunta incrementa meu estudo, na medida em que parti de outras pesquisas sobre o ato da leitura cujos objetivos são similares.

Na dissertação de Mestrado em Estudos em Língua Portuguesa, ao tratar de textos clássicos ou canônicos, a portuguesa Renata Gonçalves Gomes explicita que:

Os textos canônicos não devem se tornar elementos secundários por apresentarem uma linguagem mais complexa; muito pelo contrário, essa é uma das características pelas quais eles devem ser propostos às crianças e aos adolescentes. As complexidades da linguagem são parte indispensável no processo de aquisição de conhecimento pela literatura. A leitura expande o conhecimento linguístico, e, quanto mais vasto o campo lexical e semântico, melhor a relação entre a interpretação dos textos e a compreensão do todo (acontecimentos históricos, contexto sociocultural e natureza humana) (GOMES, 2022, p.45).

Falar em textos antigos é pensar em conservação de cultura, que na perfeita definição de Jean-Philippe de Tonnac⁵ “é na realidade um longo processo de seleção e filtragem. Coleções inteiras de livros, pinturas, filmes, histórias em quadrinhos, objetos de arte foram assim açambarcadas pela mão do inquisidor, ou desapareceram nas chamas, ou se perderam por simples negligência” (2010, p. 10). Logo, após questionamentos se o que perdemos era melhor ou mais representativo, Tonnac conclui:

Seja qual for nossa insistência em fazer o passado falar, nunca poderemos encontrar em nossas bibliotecas, nossos museus ou nossas cinematecas senão as obras que o tempo não fez, ou não pode fazer, desaparecer. Mais que nunca, compreendemos que a cultura é muito precisamente o que resta quando tudo foi esquecido (2010, p.11).

Com a atenção voltada mais aos clássicos, proponho um breve passeio pelo que seriam os possíveis efeitos da leitura literária, sobretudo que toquem a humanidade de cada leitor. Em trabalho de conclusão de curso de Psicologia, apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, observo que Borges analisou o possível efeito humanizador da leitura literária a partir de uma revisão de literatura:

⁴ Depois de pensar e escrever isso, verifiquei que Calvino também questionou “Por que ler os clássicos em vez de concentrar-nos em leituras que nos façam entender mais a fundo o nosso tempo?” ou “Onde encontrar o tempo e a comodidade da mente para ler clássicos, esmagados que somos pela avalanche de papel impresso da atualidade?” (1993, p. 14).

⁵ No prefácio do livro *Não contem com o fim do livro*, de Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010).

No caso dos trabalhos que a experiência da leitura literária foi realizada em grupos é possível entender o efeito humanizador de, pelo menos, três maneiras: (i) focalizar o fenômeno do grupo, e com isso entender que a leitura literária é só um aquecimento/disparador para as discussões que geram nos grupos o efeito humanizador; (ii) ter como essencial a leitura literária e seus efeitos, ou seja, entender que a leitura literária em si mesmo já é um espaço de encontro consigo e com as alteridades (de si e do outro); (iii) entender que ambas as formulações são possíveis, e que tanto a leitura literária quanto as reflexões grupais são possibilidades ricas que podem permitir a humanização. (2020, p.21).

Manguel (2008, p. 19) discorre sobre a importância das histórias quando escreve que elas

[...] podem vir em nosso socorro. Elas podem curar, iluminar, indicar o caminho. Sobretudo, podem nos recordar nossa condição, romper a aparência superficial das coisas, dar a ver as correntezas e abismos subjacentes. As histórias podem alimentar nossa mente, levando-nos talvez não ao conhecimento de quem somos, mas ao menos à consciência de que existimos – uma consciência essencial, que se desenvolve pelo confronto com a voz alheia.

Penso que os efeitos benéficos de ler literatura são passíveis de ser notados no vocabulário ampliado, na força de exprimir o que se sente, na concentração ao realizar uma tarefa, no incremento da criatividade para inovar e aperfeiçoar o que já é costumeiro, no reforço da imaginação. Sinto que a leitura é parte de um estilo de vida saudável na medida em que fortalece a inteligência e expande a visão de mundo. E este aparente clichê ‘visão de mundo’ diz muito mais sobre o agir nele do que propriamente vê-lo.

E então, para situar o tema de pesquisa na Ciência Ontopsicológica, cumpre mencionar que, no livro *Jovens e realidade cotidiana*, Antonio Meneghetti recomenda ler ao menos um romance por ano da literatura clássica. E reforça que não são a nossa verdade, mas um elemento que pode contribuir para melhorar e aperfeiçoar a nossa verdade (2020, p. 39).

Ora, construir um repertório cultural é forjar-se como pessoa, caminho para o reconhecimento daquela verdade. É poder tocar o belo, o bom e o verdadeiro que estão escritos direta ou indiretamente nas histórias. A cultura que se pode acessar a partir da literatura é ferramenta de expansão para fora e para dentro, pois, conforme Meneghetti, “a cultura alarga o mundo, amplia a nossa consciência no ser da vida” (2020, p. 161).

E no que toca um percurso de autoconstrução é mister dizer que “a práxis ontopsicológica consiste na identificação, isolamento e aplicação do Em Si ôntico, com isso restituindo ao homem a capacidade de autenticidade e de evolução criativa na própria existência; ela dá os pressupostos que consentem a cada um ser o centro operativo do quanto lhe acontece” (MENEGHETTI, 2021, p.202).

Todos temos uma alma, “um princípio vital sem o qual não podemos viver; princípio que a Ontopsicologia definiu Em Si ôntico” (2021, p.94). Esse núcleo do ser humano – que precisa de nutrição tanto quanto o corpo físico precisa de alimento – “não se vê, não se toca, não se pensa: nenhum sentido nos leva ao invisível ato do real, por isso, deve-se proceder por demonstração” (2014, p. 291). E essa demonstração se dá por meio de 15 características ou descrições fenomênicas⁶, que se colocadas todas juntas tem-se uma ideia do que é o Em Si ôntico.

Como diz Meneghetti, “cada um é como é, mas também é como se torna. Pode-se aumentar o próprio Em Si ôntico: na medida em que se dá a ele quântico de existência, nasce”. (2014, p. 298). Eis a minha humilde intenção com essa pesquisa: pensar a literatura clássica como um quântico de existência, um alimento para a alma.

Ressalto que reestudar os clássicos, como quer que sejam entendidos, é um dos inúmeros conselhos práticos de Meneghetti para facilitar uma justiça social dentro das democracias contemporâneas, somado ao conselho para recuperar a educação ao belo, consentindo a exposição da subjetividade do indivíduo (2014, p. 127, 132). Tudo isso para reforçar o fato de que a leitura literária alcança o horizonte social, sendo porventura um tema conseqüente para explorações futuras.

Buscar estudos que definam a leitura literária e os textos clássicos é a base sobre a qual amplio a minha própria compreensão do tema, passando por investigar fenomenologias em leitores que acessam certos livros e extraem deles eventuais recompensas culturais e existenciais para chegar a uma verificação concreta de tais efeitos.

A partir dessas premissas, fiz a pesquisa de campo junto a alunos do Ensino superior, haja vista ser este um momento de vida fecundo para o plantio de habilidades técnicas, competências socioemocionais, relacionamentos e repertório cultural. Suponho que a leitura literária pode contribuir na construção desse repertório, ainda que de forma incipiente, já que o desejo de crescimento deve partir de dentro de cada pessoa, ideia avalizada por Proust:

E esta é, com efeito, uma das grandes e maravilhosas características dos belos livros (que nos fará entender o papel ao mesmo tempo essencial e limitado que a leitura pode desempenhar em nossa vida espiritual), que para o autor poderiam se chamar “Conclusões” e, para o leitor, “Incitações”. Sentimos muito bem que nossa sabedoria

⁶ As 15 características do Em Si ôntico são: inseico, holístico-dinâmico, utilitarista-funcional, virtual, econômico-hierárquico, vencedor, alegre, criativo, espiritual ou transcendente, agente no interior de um universo semântico, mediânico entre o ser e a existência histórica, histórico, estético, volitivo-intencional, santo.

começa onde a do autor acaba e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que pode fazer é nos dar desejos. E ele só pode despertar esses desejos em nós fazendo-nos contemplar a beleza suprema que o derradeiro esforço de sua arte permitiu-lhe alcançar (2016, p.29).

Meneghetti também destaca a construção da sabedoria quando propõe que “devemos inventar o próprio estilo à imagem e semelhança do melhor de si mesmo, primando inclusive pela escolha da palavra certa quando se fala”. E, ao enaltecer o modo de falar da língua portuguesa, elogia o modo nobre, superior e estupendo da escrita de Mário de Andrade (2020, p. 135), chamando a atenção para a distinção e superioridade de determinados autores.

Por fim, entendo que a construção de bagagem cultural é uma tarefa criativa de cada pessoa, que tateia a vida para encontrar matéria-prima para a obra de si mesmo. Tal percurso se dá por meio de vivências, relações, viagens, arte etc. Nesta pesquisa, escolho apresentar a leitura literária dos clássicos enquanto ferramenta para observação, ampliação e contemplação da existência, a partir da análise dos seus potenciais efeitos na vida e alma dos leitores em percurso acadêmico.

No próximo tópico, abordarei os aspectos metodológicos da pesquisa, com a descrição dos procedimentos necessários e úteis para observar os efeitos da leitura literária de obras clássicas a fim de identificar um impacto existencial nos acadêmicos da Faculdade Antonio Meneghetti.

3 MÉTODO

Esta pesquisa tem por finalidade realizar uma revisão bibliográfica, somada aos dados obtidos por meio de aplicação de questionário e entrevista a alunos para os quais foram apresentados livros de literatura clássica. A partir de sua leitura individual e das consequentes informações obtidas apresentarei uma visão geral dos efeitos da leitura literária de textos clássicos na formação de um estudante universitário.

Para alcançar os objetivos propostos utilizei uma abordagem qualitativa. Segundo Gil, a pesquisa qualitativa, embora decorrente de múltiplas tradições, baseia-se no pressuposto de que a realidade pode ser vista sob múltiplas perspectivas. O pesquisador qualitativo busca reduzir a distância entre ele e o que está sendo pesquisado, admitindo que sua pesquisa pode estar carregada de valores (2019, p. 175).

Com intuito de conhecer a problemática sobre a área de estudo fiz pesquisa descritiva, buscando delinear características do fenômeno da leitura literária a partir de opiniões, atitudes e efeitos no leitor. Para obtenção dos dados necessários, utilizei fontes bibliográficas e pesquisa de campo (leitura individual, questionário e entrevista), colocando o “leitor como medida de todas as coisas” (CEIA, 2017, p. 1).

As fontes bibliográficas possibilitam o aprofundamento do estado da arte do assunto, apresentando de modo especial as teorizações de determinados autores acerca da cultura literária como meio para a pessoa construir um repertório cultural. Cumpre registrar que a coleta de dados ocorreu em junho do ano letivo 2023, na Faculdade Antonio Meneghetti, no distrito Recanto Maestro, nas turmas e cursos em que eu e a orientadora lecionamos, contemplando acadêmicos dos cursos de Direito, Ciências Contábeis e Ontopsicologia.

Os participantes são vinte e um jovens universitários entre 18 e 42 anos de idade, a grande maioria do sexo feminino, sendo que parte deles já exerce atividade laboral, seja por meio de estágio ou contratação em empresas.

A pesquisa de campo consistiu em três momentos (leitura individual; questionário individual; entrevista em grupo) que passo a descrever.

O tempo de um turno de aula para a realização do experimento literário orientou o destaque de 45 minutos para **leitura individual**, seguido de 10 minutos para responderem ao **questionário**. Ato contínuo, reunidos em círculo, os alunos foram **entrevistados coletivamente**, por no máximo 50 minutos, 10 minutos para cada pergunta.

Inicialmente, após uma prévia curadoria, em uma sala da Biblioteca Humanitas foram dispostos textos clássicos (conto, novela ou capítulo de obra) à escolha dos discentes para a realização da leitura individual, por aproximadamente 45 minutos.



Figura 1 - Sala de estudos na Biblioteca Humanitas. Fonte: registro fotográfico pela autora (2023).

Os livros disponibilizados foram: *A comédia Humana*, de Honoré de Balzac; *A dama do cachorrinho*, de Anton Tchekhov; *Ana Karênina*, de Leon Tolstói; *As três irmãs*, de Anton Tchekhov; *Contos Russos*, de Nicolai Gógol; *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski; *Guerra e Paz*, de Leon Tolstói; *O Corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo; *O idiota*, de Fiódor Dostoiévski; *O jogador*, de Fiódor Dostoiévski; *O Mistério de Marie Rogêt (Histórias extraordinárias)*, de Edgar Allan Poe; *O monge negro*, de Anton Tchekhov; *O Pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde; *O sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare; *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo; *Os três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas; *Três contos*, de Gustave Flaubert; *Vida e Poesia*, de Vladimir Maiakóvski.

O critério de escolha dessas obras foi o que o próprio Acad. Prof. Antonio Meneghetti entendeu por clássicos, especialmente autores franceses, ingleses e russos. Ademais, todos os títulos compõem o acervo da Biblioteca Humanitas da Faculdade Antonio Meneghetti, pelo que ora passo a contar.

O Acad. Prof. Antonio Meneghetti, com a contribuição da professora Annalisa Cangelosi, orientadora desta pesquisa, numa oportunidade em Marudo, na Itália, entre abril e maio do ano de 2010, elencou um rol de textos de cultura clássica básicos, que por sua importância sócio-histórico-cultural deveria fazer parte do acervo da Biblioteca Humanitas, na Faculdade Antonio Meneghetti.⁷



Figura 2 - Biblioteca Humanitas. Fonte: registro fotográfico pela autora (2023).

⁷ A aquisição dos livros sugeridos foi feita por um empresário do Recanto Maestro, indicado pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti, para que tivesse o orgulho de doar e contribuir com o legado do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro. O elenco definitivo (180 volumes) foi encomendado em maio daquele ano para um distribuidor internacional. Sucessivamente, foi enviado e chegou até a Antonio Meneghetti Faculdade em junho de 2010.



Figuras 3 e 4 - Biblioteca Humanitas. Fonte: registros fotográficos pela autora (2023).

Pois bem, na segunda parte de aplicação do método, ainda no ambiente da Biblioteca Humanitas, apliquei um questionário anônimo para captação imediata da percepção dos leitores quanto à leitura realizada, em aspectos de ordem prática. Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2019, p.137).

Na figura 6 é apresentado o questionário aplicado. Além de perguntas sobre idade, curso e livro escolhido, criei questões sobre a frequência de leitura no tempo livre e número de livros lidos no ano na intenção de conhecer os sujeitos da pesquisa no aspecto quanto ao envolvimento com o hábito de leitura. Ademais, elaborei questão aberta para sondar seu conhecimento sobre o que são obras clássicas, se conheciam os autores ofertados e como foi a leitura naquele período na biblioteca.

Sucessivamente, em ambiente de sala de aula, fiz uma entrevista semiestruturada, que tipicamente se refere às entrevistas abertas, em que as perguntas são previamente estabelecidas, mas não são oferecidas alternativas de resposta – os entrevistados podem respondê-las livremente (GIL, 2019, p.128). Nos dois momentos (13 de junho e 21 de junho), as entrevistas foram gravadas em áudio, de modo que algumas transcrições serão apresentadas nas próximas páginas (item 4) e na íntegra no Anexo II.



Figura 5 - Entrevista em grupo, sala de aula da Faculdade Antonio Meneghetti. Fonte: registro fotográfico celular da autora (2023).

A entrevista em grupo contemplou perguntas abertas que tocam algumas das 15 características do Em Si ôntico⁸: *utilitarista-funcional* (“a moral do utilitarismo funcional implica que uma coisa é boa, inerente a uma individuação, se a identifica e exalta a sua função específica”) (MENEGHETTI, 2021, p.96); *vencedor* (“nas suas escolhas, o Em Si ôntico confirma sempre a si mesmo: amplia a sua existência como Eu naquele objeto no qual ele já é”) (2021, p.98); *alegre* (“age por exercício de inteligência e se move se garantido por uma novidade agradável de erotismo e contemplação”) (2021, p.98); *criativo* (“é um projeto aberto no fazer a si mesmo infinitamente e, cumprida uma Gestalt, é sempre motivado a uma sucessiva, de todo o modo proporcionada, mas superior à precedente”) (2021, p.98); *espiritual ou transcendente* (“evade das características de espaço e tempo”) (2021, p.98).

Escolhi tais cinco características porque, dentre todas, são as que entendo de possível contextualização com o ato da leitura, até mesmo pelo período que dispunha para o experimento. Não excluo a possibilidade futura de captar as demais fenomenologias do Em Si ôntico diante do hábito literário, contemplando também *inseico*, *holístico-dinâmico*, *virtual*, *econômico-hierárquico*, *agente no interior de um universo semântico*, *mediânico entre o ser e a existência*, *histórico*, *estético*, *volitivo-intencional* e *santo*. Será uma bela conexão entre a literatura e a Ontopsicologia.

⁸ Em Si ôntico: projeto-base de natureza que constitui o ser humano; O Em si ôntico é o núcleo energético pensante, o princípio formal que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo humano. Ele garante e identifica a exatidão ou não da unidade de ação homem em processo histórico (MENEGHETTI, 2021, p. 92-100).



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

Convido você a responder ao questionário abaixo, que faz parte de Trabalho de conclusão de Curso de Especialização *Lato Sensu* em Ontopsicologia. Sua participação e respostas serão contributo valioso à pesquisa e difusão da Ciência Ontopsicológica. Recanto Maestro, junho/2023.

1. Qual sua idade?
2. Qual graduação você cursa?
3. Qual livro escolhido e quais páginas lidas?
4. Costuma ler no seu tempo livre?
 - nunca;
 - 1 vez por semana;
 - 2 a 3x por semana;
 - todos os dias.
5. Quantos livros leu neste ano?
6. Sabe o que são livros clássicos?
 - Não
 - Sim. Explique:
7. Conhecia algum(ns) dos autores dos livros ofertados?
8. Como foi a escolha do livro/trecho?
9. Como foi sua leitura?

Agradecemos a participação.

Figura 6 - Questionário. Fonte: elaborado pela autora (2023)

As perguntas abertas, às quais os entrevistados responderam em grupo, dispostos em círculo, como já demonstrado na Figura 5, foram:

- 1) *Você sente que ler é uma coisa boa para você? Por quê?*
[característica de referência: utilitarista-funcional];
- 2) *Por que na atividade você escolheu este livro e não outro?*
[vencedor];
- 3) *Você sentiu alegria ou outro sentimento positivo durante o ato da leitura?*
[alegre];
- 4) *Você sentiu vontade de terminar este capítulo/livro e buscar ler outros do mesmo autor?*
[criativo];
- 5) *Tal leitura fez você pensar no sentido da vida?*
[espiritual ou transcendente].

O que motivou a criação de tais perguntas foi a compreensão das “projeções ou adaptações categóricas do Em Si ôntico na existência” explicitadas no livro *O Em Si do homem*, de Meneghetti (2015, p. 237). A moral da característica **utilitarista-funcional** é que “algo é bom, inerente a uma individuação, se a identifica, se exalta a sua função específica, se é tal à sua ação em identidade” (2015, p. 239). Assim, iniciei arguindo os participantes se a atividade de leitura é algo bom para si.

Quanto à característica **vencedor**, “nas suas escolhas, o Em Si ôntico confirma sempre a si mesmo: ampliar a sua existência como Eu naquele objeto onde ele já é.” (2015, p. 242). Com a pergunta “Por que na atividade você escolheu este livro e não outro?” busquei provocar no entrevistado a tomada de consciência sobre a voluntariedade do processo de escolha, já que cada livro representa um símbolo, uma imagem, um significado, que informa o leitor desde o primeiro impacto.

Ao questionar sobre a alegria ou outro sentimento positivo durante o ato da leitura, minha intenção foi ativar o que agrada ou desagrade o leitor. A característica do Em Si ôntico **alegre** significa “age por exercício de inteligência e se move caso seja garantido por uma novidade agradável de erotismo e contemplação” (MENEGHETTI, 2022, p. 174). É bom frisar que a alegria pode advir apenas do ato da leitura e não do seu conteúdo, e vice-versa.

A característica **criativo** diz com a construção de si mesmo ao infinito; “completada uma *Gestalt* é sempre motivado a uma sucessiva, proporcionada, mas superior à precedente.” (2022, p.174). Perguntar se o leitor sentiu vontade de prosseguir o livro ou buscar outros do mesmo autor significa entender se a sua satisfação com a leitura pode levá-lo para além da dinâmica proposta. Se algo do que leu o provocou para mais.

Já a derradeira pergunta abre um argumento existencial, de reconhecida profundidade por esta pesquisadora. Acredito que a reflexão sobre o sentido da vida advém de viagens, relações, filmes, livros etc., e há quem se abra para o metafísico em tardia idade ou nunca. Mesmo assim, entendi por bem convidar os jovens entrevistados para um mergulho na característica **espiritual ou transcendente**, que caracteriza o Em Si ôntico por evadir das categorias de tempo e espaço.

A compreensão expandida do ato da leitura é uma tarefa para uma vida, até porque são muito mais livros que nossos anos podem contemplar, mas percebo que o recorte de apenas cinco das características do Em Si ôntico foi proporcional aos sujeitos e aos objetivos desta pesquisa.

Talvez as perguntas propostas podem ter levado os entrevistados a respostas mais positivas, inclusive porque estavam em ambiente de aula, sob a condução da pesquisadora que fazia as vezes de professora na ocasião das entrevistas. Por isso, penso que, em caso de prosseguir estudando tal temática, será interessante lapidar as futuras perguntas, como por exemplo “De que forma a leitura transforma você, correlacionando com seu atual momento de vida?”, “Que sentimento o ato da leitura suscitou em você?”, etc.

Quanto à forma da coleta de dados, Santos, em trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pesquisou sobre práticas de leituras literárias e a constituição do leitor literário, tendo utilizado entrevista:

A técnica utilizada foi a entrevista de caráter exploratório porque a entrevista foi semi-estruturada, os entrevistados falaram livremente sobre o tema, porém direcionados por um roteiro para não desfocar do tema. A entrevista aberta semi-estruturada foi escolhida pela abertura que ela permite para o entrevistado de falar sobre o tema e passar muito mais informações (2017, p. 28).

Uma vez demonstrado o método da pesquisa, cumpre apresentar as informações coletadas e os resultados alcançados para, assim, deixar que as eventuais contribuições tomem

vida por si só, e oxalá façam novidade em cada leitor participante, na própria pesquisadora e na comunidade acadêmica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise de dados coletados averigui a perspectiva dos participantes em relação ao hábito da leitura e verifiquei que alguns deles consideram que seja algo de valor, reconhecem seus benefícios, ainda que não o cultivem com frequência. No corpo do texto escolhi destacar o quanto respondido por alguns dos participantes, mas a tabela com todas as respostas ao questionário consta no Anexo I.

Questionados sobre **como foi sua leitura**, responderam no seguinte sentido:

P1: Cansativa, por utilizar de uma linguagem extremamente rebuscada.

P2: Foi bem calma e boa, precisamos nos desligar do mundo de vez em quando.

P3: Positiva, podendo aproveitar os conhecimentos transmitidos.

P5: Foi boa, curiosa emocionante, e que me deteve atenção pelo final do acontecimento, riqueza nos detalhes, ao ponto que lia imaginava os lugares, pessoas e detalhes.

P6: Ótima, falava sobre o que eu gosto, apostar!

P9: Muito boa, mesmo que o livro escolhido aparente uma didática mais ‘pesada’.

P10: Muito positiva, qualquer tempo destinado a leitura é extremamente positivo.

P11: Foi uma leitura prática, tranquila e prazerosa onde nem vi o tempo passar.

P13: Foi uma leitura diferente, saí bem da minha zona de conforto, mas foi bom ver uma nova perspectiva.

P19: Foi boa, algumas palavras diferentes e uma maneira de escrita diferente da qual estou acostumado, mas interessante.

P20: Boa, silenciosa, um bom tempo de leitura.

P21: Foi uma leitura incrível, me fez pensar mais e levar alguns ensinamentos para a vida.

Nenhum dos participantes foi indiferente à dinâmica, o que poderia ocorrer já que aconteceu em horário letivo, e um espírito mais crítico poderia entender não ser pertinente para o andar das disciplinas. No entanto, senti a acolhida da proposta, em parte pela novidade, em parte pela sensação positiva de destacarem um tempo para leitura sem ser de estudo para avaliações.

Destaco aqui a característica da alegria, mencionada há duas páginas, porque foi um exercício de inteligência vivenciar a leitura literária no ambiente universitário, principalmente de obras da literatura clássica, recebidas por novidade para a maioria dos alunos.

Em outro tópico do questionário, foram perguntados se **sabiam o que são livros clássicos**, e apesar de alguns responderem que não, a maioria dos participantes descreveu corretamente o significado, por lógica ou dedução. Apresento algumas das respostas:

P1: Sim. Livros de épocas passadas, que utilizam de palavreados rebuscados em suas histórias; é possível considerar grande maioria como atemporais.

P3: Sim. São livros que têm recorde histórico de vendas e continuam sendo lidos e vendidos em diferentes épocas.

P5: Não. Imagino que obras clássicas seriam sobre fatos cotidianos, comuns ou até inventados, porém que despertassem curiosidade nos leitores e que poderiam levar a criatividade das pessoas bem além.

P6: Sim. São livros que inspiram, tanto pensamentos de vida, bem como a escrever outros livros.

P7: Sim. São livros com histórias antigas e que geralmente só passaram na idade média ou séculos antigos.

P8: Sim. São livros mais antigos que marcaram a história de alguma forma.

P9: Sim. São livros que marcaram época, os quais criam personagens que realmente entram no imaginário e se perpetuam durante os anos.

P10: Sim. Livro que deve servir de exemplo para obras futuras.

P11: Sim. São livros muito conhecidos que servem para inspiração em diferentes aspectos.

P13: Sim, são livros antigos que se tornaram referências para outros.

P15: Não. São livros que fazem parte da cultura que foram escritos por autores que marcaram a literatura de alguma forma.

P17: Sim. Livros clássicos são livros que foram escritos há um certo período de tempo e se tornaram bastante famosos, tanto na época, quanto depois. E geralmente tem bastante linguagem ‘coloquial’ e formal, além de trazerem fortes mensagens.

P18: Sim. Acredito que sejam livros que tem bastante conhecimento na história, onde a maioria das pessoas já ouviram falar, de autores renomados e de um período específico da história.

P21: Sim. São livros de histórias ou contos que ao longo do tempo se tornaram importantes para o aprendizado.

Verifico que o senso geral sabe, sim, delinear o que são as obras clássicas, pois de alguma maneira há uma memória pessoal e coletiva conectadas. Algo de lembrança do passado paira sobre nós, independentemente se concordamos ou conhecemos. Nesse sentido, Eco:

Nosso relacionamento perceptual com o mundo funciona porque confiamos em histórias anteriores. Não poderíamos perceber inteiramente uma árvore se não soubéssemos (porque outras pessoas nos disseram) que ela é o produto de um longo processo de crescimento e que não cresce da noite para o dia. Essa certeza faz parte de nosso “entendimento” de que uma árvore é uma árvore e não uma flor. Aceitamos como verdadeira uma história que nossos ancestrais nos transmitiram, ainda que hoje chamemos esses ancestrais de cientistas (1994, p. 136).

Percebo que a experiência da leitura, por si só, já trouxe inovação para os universitários que ficaram certo tempo absortos em literatura nos sofás e cadeiras da Biblioteca Humanitas. Talvez não seja possível, neste contexto, verificar eventual efeito interno que venha a frutificar depois na alma de quem coteja o paradoxo entre o real e o imaginado, indagando se os significados das palavras é o que pensa ser ou se a interpretação é livre e ilimitada.

Entretanto, qualquer passeio pelos mundos ficcionais tem a mesma função de um brinquedo infantil. As crianças brincam com boneca, cavalinho de madeira ou pipa a fim de se familiarizar com as leis físicas do universo e com os atos que praticarão um dia. Da mesma forma, ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou que vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo (ECO, 1994, p. 93).

Cada leitor esteve diante de si durante o experimento até o momento em que, reunidos na sala de aula, foram entrevistados coletivamente e puderam expressar suas percepções do livro lido. Agora, apresento de forma sintética algumas transcrições das respostas das perguntas descritas no item 3, cuja transcrição completa está no Anexo II.

1) Você sente que ler é uma coisa boa para você? Por quê? [utilitarista-funcional]	
A	“Eu acho importante pelo fato do conhecimento, porque tu conheces. Cada livro que tu lês, tu conheces um pedacinho dum lugar, um pedacinho do mundo, porque cada escritor da sua maneira de escrever, remete um pouquinho a sua experiência de vida.”
B	“ <u>Eu acho que é bom, que é uma maneira da gente ficar sozinha, mas ao mesmo tempo ter a companhia, porque querendo ou não, tem personagem que a gente se apega, tem um mundo que a gente entra e começa a criar imagens e espaços de ter um conforto maior do que talvez no dia a dia.</u> ”
C	“Eu penso que todo aprendizado é sempre positivo, e <u>a leitura se feita de uma forma inteligente, específica e concentrada, a gente consegue, pode extrair algum aprendizado.</u> O livro eu escolhi pelo título, o título que me chamou atenção (Guerra e Paz), o que mais me chamou atenção, e <u>um conhecimento que eu não tinha foi adquirido. Positivo.</u> ”
D	“Eu acho que sim, porque <u>além de estimular tua criatividade, tu consegues se transportar para outra dimensão, consegue aprender muitas coisas. Às vezes esquece até que está lendo, parece um filme na tua cabeça.</u> ”
E	“ <u>Ajuda na oratória. A leitura ajuda bastante em diversas áreas da vida da gente, mas para mim principalmente na oratória e retórica.</u> ”

No geral, os participantes disseram que a leitura é uma atividade boa e prazerosa, como a fala de B. Além de agregar conhecimento, também destacaram a melhoria na oratória, no português e no vocabulário como benefícios advindos da leitura (A e E).

Sobre a leitura ser uma coisa boa, o participante D faz coro ao que diz Umberto Eco:

Quando entramos no bosque da ficção, temos de assinar um acordo ficcional com o autor e estar dispostos a aceitar, por exemplo, que lobo fala; mas, quando o lobo come Chapeuzinho Vermelho, pensamos que ela morreu (e essa convicção é vital para o

extraordinário prazer que o leitor experimenta com sua ressurreição). (...) (1994, p. 83).

Ainda destacando o elemento criatividade, outro participante disse “*Sim, eu acho que é bom, ao menos pra mim, além de ser um exercício tu aprendes tanto com o ponto de vista do escritor, e também começa a tirar os próprios pensamentos. Por exemplo se é um conto, ou pesquisa ou alguma história real, alguma coisa ali e começa a ter os próprios pensamentos. É uma base de conhecimento.*”

Eco corrobora estas impressões: “Já que a ficção parece mais confortável que a vida, tentamos ler a vida como se fosse uma obra de ficção” (1994, p. 124).

Dizer se algo é bom ou não para si depende de habilidades que só o autoconhecimento promove, lembrando que estamos sempre em construção. E me parece evidente que uma série de fatores são responsáveis para tornar uma pessoa leitora, como defende Petit:

Como fazer para que uma pessoa se torne um leitor ou uma leitora, apesar de tantos obstáculos? Em grande parte, essa é uma questão relacionada ao meio social. Quando se vem de um meio pobre, mesmo com uma formação escolar, os obstáculos podem ser numerosos: poucos livros em casa, ou nenhum, a ideia de que aquilo não é para ele, uma preferência por atividades coletivas e não por esses “prazeres egoístas”, dúvidas sobre a “utilidade” da leitura, um acesso difícil à língua narrativa: tudo isso pode somar-se para dissuadir alguém de ler (2013, p. 34).

Eis que a leitura, salvo melhor juízo, tem o condão de transformar uma pessoa a depender daquilo que ela lê ou deixa de ler.

2) Por que nessa atividade você escolheu este livro e não outro? [vencedor]	
F	“Pela capa, pelo nome. E uma coisa que acho interessante, <u>é que eu gosto de jogar, com jogadores numa mesa, e o livro era <i>O jogador</i>.</u> ”
G	“Eu já escolhi o meu livro porque o título dele era, não um título que dizia o que continha naquele livro, e sim o nome de uma pessoa. Que até onde eu li, não apareceu o nome dessa pessoa, mas só tinha nomes, na minha opinião, que eram russos. Porque são nomes muito longos, sem saber distinguir se é homem ou mulher. E porque eu achei bem interessante o desenho que tem na capa dele, e até onde eu li eu achei bem intrigante o livro.”
H	“ <u>Como é fácil ler aquilo que a gente gosta, né? É muito bom de ler.</u> Uma leitura mais pesada é meio complicada.”
I	“ <u>Eu escolhi porque na capa tinha ‘3 irmãs’, porque lá em casa nós somos três irmãs. Então me identifiquei com a capa do livro.</u> Eu gostei bastante porque as três irmãs falam em trechos separados, e cada uma contando um pedaço do seu dia a dia, da sua história. O pai delas era da brigada e acabou falecendo. Depois, veio outro comandante e começaram a conversar e trocar ideias. Elas falando que queriam voltar para a cidade onde moravam, Moscou, mas uma irmã queria ficar e as outras duas queriam ir. <u>Gostei bastante da história. Fala também em pontos do dia a dia que a gente acaba vivendo.</u> ”

Conforme a expressão do participante F, noto que um dos critérios vencedores para a escolha de uma leitura é que ela seja de assunto de interesse do leitor. A nossa atenção é voltada para o que nos cativa e tanto melhor será a fruição da leitura se convergente com algo que faz sentido e ressoa na nossa vida.

E sobre o fascínio diante da ficção que o participante H demonstrou em poucas palavras, Eco explica:

E, assim, é fácil entender por que a ficção nos fascina tanto. Ela nos proporciona a oportunidade de utilizar infinitamente nossas faculdades para perceber o mundo e reconstituir o passado. A ficção tem a mesma função dos jogos. Brincando as

crianças aprendem a viver, porque simulam situações em que poderão se encontrar como adultos. E é por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente (ECO, 1994, p. 137).

Uma boa leitura pode trazer muita satisfação para quem busca aquilo que é conforme a sua identidade a partir do encontrar-se e desencontrar-se com o texto, que foi o caso do participante I.

3) Você sentiu alegria ou outro sentimento positivo durante o ato da leitura? [alegre]	
J	<p><u>“Não pela leitura, mas por mim mesmo, porque sou uma pessoa que não lê, que não tem o hábito de ler. Tive o hábito de querer começar a ler para dormir, porque chegamos da aula muito agitados e particularmente me facilita bastante começar a ler para dar sono. E aí eu lendo dava sono e eu dormia. Eu não leio mesmo, só leio o que precisa para estudar. Fiquei feliz por mim, não pela leitura que eu estava fazendo. (...) É bem legal esse hábito (...) Foi bem interessante, a gente se entrega realmente para a leitura. Para filme, eu não consigo ver, porque o telefone, qualquer mensagem, a gente quer ver, e desvia nossa atenção até no trabalho. Com a leitura - que é mais difícil de concentrar do que um filme - hoje eu consegui fazer isso”.</u></p>
L	<p><u>“É difícil eu ler. E para eu conseguir me controlar eu botei o celular no modo avião. Então eu me joguei no sofá e naquele momento foi minha paz. Era o meu momento, estava em paz, era como se eu não estivesse na biblioteca. Como se eu estivesse dentro do livro, porque quando a gente lê a gente começa a imaginar as cenas. Eu estava ali focado. Foi apenas quando alguém levantou e cruzou por mim e ‘Opa, eu estou aqui. Voltei”.</u></p>
M	<p><u>“Eu peguei um livro e li 3 ou 4 páginas (Contos russos). Aí começa com uma pergunta: uma pessoa perguntou para outra para contar a história do seu primeiro amor. Na primeira pergunta eu já saí do livro para pensar sobre ‘qual foi o meu primeiro amor’?. ‘Será que foi amor?’ E aí o livro já nas próximas linhas começa a provocar para</u></p>

	<p><u>perguntar ‘será que foi amor?’, ‘será que não foi?’, que será que foi aquilo, foi uma decepção? foi uma tristeza? foi a pessoa que teve foi gentil contigo? E logo na sequência que vi essa provocação eu saio um pouco do livro e fico pensando e remoendo aquilo... ‘será que aquela vez...?’. Aí tu começa a refletir quando para e pensa inclusive na situação atual que está hoje. Voltou a puxar o gancho para a atualidade: ‘o que é isso que tu tá vivendo agora, o que é de fato esse sentimento?’”</u></p>
N	<p>Eu li Os Três Contos, de Flaubert. Eu sou do tempo do vestibular e das leituras obrigatórias da literatura Brasileira. <u>Eu ficava muito bravo com isso porque eu acho que é muito ruim tu condicionares ‘Tu tens que ler determinada coisa’ e exigir depois que a pessoa responda alguma coisa. Eu acho que a literatura é uma parte justamente para fugir da tua realidade, procurar uma coisa que faça bem para ti. Condicionar uma pessoa a ler “isso aqui” sempre me incomodou bastante. E o Três Contos faz justamente isso, uma crítica à sociedade, com o livro que li hoje. Pela leitura eu fiquei muito bem, mas só que pela história triste não, apesar de a personagem ter o nome de Felicidade”</u></p>
O	<p><u>“Eu senti o que a personagem estava sentindo. Quando ela falou que sentiu medo, eu senti medo. Também fiquei feliz porque teve umas reviravoltas.”</u></p>
P	<p>(...) Para mim não foi forçado. Claro que hoje não tenho o hábito de ler livro, de verdade. <u>Quem é do Direito sabe que a gente tem que ler muito, então a gente não vai ler livro. A gente vai ler sobre a lei, jurisprudência. O professor vai instigar a gente a trabalhar dentro disso, onde se dedica muito mais o tempo dentro disso do que propriamente livro. Hoje que não fui forçado, foi ao natural. Eu escolhi um livro e já que é para ler, vamos ler! Me senti bem. Me deixou escolher. Não foi forçado. Na quinta série o professor disse ‘vão ter que ler para faculdade, para fazer vestibular, esses livros’. Para mim foi um prazer natural.”</u></p>

O participante M demonstrou cabalmente que uma provocação literária toca a vida real em pontos fundamentais. E quando N se manifestou, um debate interessante foi suscitado no

grupo sobre a obrigatoriedade de ler em determinadas épocas escolares e quais as consequências disso, bem diferente da novidade agradável que certos livros trazem.

No tocante a instrumentalização quase negativa da leitura em âmbito escolar, Calvino defende que “A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola. É só nas leituras desinteressadas que pode acontecer deparar-se com aquele que se torna o ‘seu’ livro.” (2007, p. 13).

Percebo que a liberdade daquilo que se lê é um norte para que os sentimentos aconteçam, tal como expresso nas falas dos participantes J, L e P. A entrega para a leitura aconteceu porque eles próprios puderam escolher os livros.

É bom dizer que outros sentimentos foram mencionados, conforme a transcrição integral no Anexo II: “Senti medo, porque tinham partes muito pesadinhas. Eu li o conto Gato Preto”; “Teve sentimentos positivos, mas não só alegria, teve também sentimentos melancólicos.”

4) Você sentiu vontade de continuar ou terminar este capítulo ou este livro, e buscar outros do mesmo autor? [criativo]	
Q	“Se não tivesse que responder ao questionário, ainda estava lendo.”
R	“Todo mundo poderia ter continuado até o final da aula”.
S	“ <u>Eu acho que eu continuaria a leitura. Gostaria de saber qual foi o final.</u> Ele começa a relatar a história porque falou que não ia abrir a história falando, mas ia escrever o que lembrasse num caderno e iria entregar para que os outros amigos fizessem a leitura. Eu fiquei instigado para entender saber qual foi o primeiro amor, qual foi o olhar dele sobre aquele primeiro amor.”

Foi uma grata surpresa a devolutiva quanto ao tempo destinado a leitura, já que a maioria dos participantes gostaria de ter ficado mais tempo, talvez o período inteiro da aula, lendo.

Sobre a vontade de seguir a leitura, o participante S sentiu-se instigado a prosseguir e saber o restante da história de amor.

E quanto a dar sequência ao livro, alguns inclusive já pegaram empréstimo do livro na biblioteca no mesmo dia do experimento, para a alegria desta pesquisadora.

5) Tal leitura fez você pensar no sentido da vida? [espiritual ou transcendente]	
T	“Sim, meu livro é totalmente ‘linkado’ com coisas lúdicas, mas com um significado por trás. <u>Ele é muito magnífico: vai falar da rosa, de como ela era cuidada, de como uma pessoa pode ser amada, de como ela deve ser cuidada, da despedida, de quando o pequeno príncipe deixa a rosa. Então, tem a ver totalmente com a humanidade só que de uma forma muito lúdica e muito simples, fácil de compreender, muito agradável.</u> ”
U	“Por exemplo, <u>da minha opinião sobre as guerras. Ele faz refletir sobre isso. Querendo te induzir a crer que guerra faz parte e sempre vai fazer parte.</u> Não estou concordando com a tese dele, mais foi essa reflexão que buscou fazer ali.”
V	“Eu não li o teu livro, mas achei interessante o que tu comentaste. E eu concordo com isso: <u>como é que tu vais saber o que é a paz se não tiver guerra? Ou o que é bom se não tiver o mal?</u> ”
X	“O meu, mais ou menos, porque teve partes assim que me chamou bastante atenção. Até marquei o nome do personagem. Ele mora numa cidade que tem 100.000 habitantes. É muito engraçado porque naquele momento do livro tem batalhões que está começando uma guerra. <u>E depois que esses batalhões vão embora, ele enxerga que todo mundo vive da mesma maneira, do mesmo jeito, e é mais ou menos como eu via as coisas antes de vir aqui para o Recanto, sabe? Tipo, a percepção é que todo mundo vive as coisas do mesmo jeito e faz parte do sistema que é contínuo. Daí ele é aquela pessoa que percebe.</u> ”

O famoso ‘O pequeno príncipe’ tocou a participante T que pensou muito sobre o sentido da vida e do amor. Por outro lado, a temática guerra trouxe bonitas reflexões sobre a paz, conforme as falas dos participantes U e V.

E sobre o automatismo *versus* novidade, a participante X que leu acerca da temática de guerra pontuou a percepção de um sistema contínuo que muitos alimentam por enxergar tudo da mesma maneira.

Petit diz que “Uma biblioteca, um livro, é algo que se oferece, uma hospitalidade que se oferece. Abrem para outro lugar, inauguram outra maneira de habitar o tempo, um tempo próprio. Um tempo em que a fantasia pode brotar livremente, que nos permite imaginar, pensar.” (2013, p.112). E tudo o que os jovens leitores trouxeram nos questionários e entrevistas corroborou e renovou minha intenção de pesquisar, inclusive enquanto mediadora de clubes de leitura, os possíveis benefícios da literatura clássica na vida de quem trilha uma jornada acadêmica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a condução deste trabalho, a busca foi responder à indagação central: “É possível observar os efeitos da leitura literária de obras clássicas para identificar um impacto existencial nos acadêmicos?” Para alcançar essa resposta, realizei um apanhado teórico sobre leitura literária, obras clássicas, clube de leitura, e destaquei a abordagem ontopsicológica não apenas como um norteador, haja vista as diretrizes do próprio Acad. Prof. Antonio Meneghetti, mas enquanto formalização de um critério para identificar o impacto existencial que a literatura pode promover no jovem leitor.

Por meio de uma análise dos questionários e transcrição das entrevistas, obtive *insights* valiosos sobre o pensamento dos alunos da Faculdade Antonio Meneghetti após serem expostos a obras clássicas da literatura universal. Ao examinar os dados, notei um interesse significativo dos alunos em desenvolver e aprimorar o hábito de leitura, sugerindo um possível espaço em direção ao fomento da literatura nos bancos acadêmicos.

Os resultados revelaram que um tempo para leitura de literatura pode ser proporcionado aos acadêmicos, talvez por meio de oportunidades e iniciativas, bem como por projetos ligados à biblioteca, e que a cultura literária, se incentivada, é frutífera no ambiente da graduação, ao lado da formação técnica. Evidencio uma inclinação positiva em direção a reconhecer a relevância da leitura e repensar o uso do tempo livre pelos jovens. Porém, o comprometimento se mostrou mais ambíguo, indicando falta de disciplina, organização ou direcionamento.

No contexto do impacto existencial, noto que os alunos têm uma tendência a emitir opiniões embasadas, embora a habilidade de escolha de bons livros possa ser desenvolvida e aprimorada. Por outro lado, a análise das respostas demonstrou que os alunos manifestam um desejo de fuga, talvez, buscando alívio e descanso por meio de um livro. No geral, os resultados sugerem que a maioria dos alunos possui um nível excelente de capacidade interpretativa, sensibilidade e demonstram uma tendência a desvendar as obras clássicas, indo ao encontro de ideais humanistas.

Naturalmente, este trabalho não tem a pretensão de exaurir um assunto tão amplo como é o impacto existencial nos alunos se cultivarem o hábito da leitura, especialmente da literatura clássica no seu dia a dia. Contudo, procurou oferecer uma primeira visão sobre esses aspectos, explorando alguns elementos e analisando a influência que a leitura literária de obras clássicas sobre os jovens nesse contexto. É importante ressaltar que, devido à natureza do estudo e à

abordagem adotada, algumas nuances podem não ter sido totalmente enfrentadas, e a complexidade das interações entre fatores individuais e contextuais pode implicar em limitações na interpretação dos resultados. Além disso, a amostra restrita e específica de duas turmas de universitários da Antonio Meneghetti Faculdade pode limitar a generalização dos achados para outros contextos educacionais, sendo imprescindível conduzir novos estudos que explorem outras variáveis.

Para tal, além das valiosas conclusões obtidas neste estudo, mormente pela transcrição do quanto foi expresso pelos alunos, é fundamental considerar possíveis direções para pesquisas futuras que possam enriquecer ainda mais a compreensão do interesse dos alunos por literatura e do quanto suas vidas podem ser impactadas quando escolhem a abertura ao novo.

Além disso, uma análise mais demorada poderia ser conduzida para avaliar como o repertório linguístico-cultural evolui ao longo da graduação, especialmente no que tange à literatura, e como as intervenções educacionais podem contribuir para o desenvolvimento contínuo dessas características. Ademais, explorar as correlações entre a cultura literária e o desempenho acadêmico, bem como as escolhas de livros lidos pelos alunos, poderia fornecer informações preciosas para orientar estratégias de projetos na própria biblioteca.

No curso desta pesquisa, eu me deparei com um universo de possibilidades, tais como a Biblioterapia, a Estética da recepção, bem como a Literatura como cura. Acredito que o respeito à delimitação de tema e o tempo de consecução do trabalho foram balizadores da expansão de horizonte que vislumbrei enquanto entusiasta da leitura. Nesse sentido me acalma saber que este estudo não tem a pretensão de esgotar o tema, mas apresentar de forma bastante sintética a relação teórica e vivencial entre pessoas e livros.

Em suma, as perspectivas futuras de pesquisa podem contribuir significativamente para aprimorar o conhecimento sobre leitura literária, especialmente de obras clássicas, e seu impacto na vida dos jovens estudantes, como argumento humanista para suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Katiúce Cristina Santos. **Efeito humanizador da leitura literária**: uma revisão conceitual e prática. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia. Uberlândia, 2020. Disponível em <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30842>
- CAETANO, Camilla Brites. **Clube de leitura**: descubra como fazer, fazendo. Santa Maria, RS: Editora da autora, 2019.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CEIA, C. **O Poder da Leitura Literária** (contra as formas de impoder). Casa da Leitura. 21/10/2017, disponível em http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalebta/bo/documentos/ot_leitliter_a.pdf
- ECO, Umberto, CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GOMES, Renata Gonçalves. **O Cânone e a contemporaneidade ou uma união afetuosa para a formação de leitores infantojuvenis**: redescobrimo a ficção de Ana Maria Machado e de Manuel António Pina. Dissertação (de Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa), Universidade Aberta, Portugal. 2022. Disponível em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/13096/1/TMELP_RenataGomes.pdf
- LEWIS, C. S. **Um experimento em crítica literária**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- LEWIS, C. S. **Como cultivar uma vida de leitura**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras**: as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MANGUEL, Alberto. **Con Borges**. 1º ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.
- MANGUEL, Alberto. **Encaixotando minha biblioteca**: uma elegia e dez digressões. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANGUEL, Alberto. **Notas para uma definição do leitor ideal.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

MENEGHETTI, Antonio. **Arte, sonho e sociedade.** Recanto Maestro, Restinga Seca, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **A crise das democracias contemporâneas.** Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Da consciência ao ser.** Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia.** 5ª ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

MENEGHETTI, Antonio. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene.** Recanto Maestro, Restinga Seca, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Genoma ôntico.** Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2020.

MENEGHETTI, Antonio. **Jovem e realidade cotidiana.** Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2020.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia.** Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Psicologia do Líder.** Recanto Maestro, Restinga Seca, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Psicologia empresarial.** Recanto Maestro, Restinga Seca, RS: FOIL, 2020.

MENEGHETTI, Antonio. **O Em Si do homem.** Recanto Maestro, Restinga Seca, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontoarte: O Em Si da Arte.** Recanto Maestro, Restinga Seca, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020.

NUNES, Flordelice Souza. **O círculo de leitura literária como construção de sentidos: uma metodologia na perspectiva do leitor ideal para o leitor real.** 2019. 163fl. Dissertação (de

Mestrado), Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS), Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24817>.

PETIT, Michèle. **Leituras:** do espaço íntimo ao espaço público. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** São Paulo: Editora 34, 2010.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia:** ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ANEXO I – Tabelas com resultados dos questionários

Questionário – Acadêmicos de Direito e Ciências Contábeis – 13.06.2023

	Idade	Graduação	Livro escolhido e páginas lidas	Costuma ler no seu tempo livre?	Quantos livros leu neste ano?	Sabe o que são livros clássicos?	Conhecia algum(ns) dos autores dos livros ofertados?	Como foi a escolha do livro/trecho?	Como foi sua leitura?
P1	19	Ciências Contábeis	As alegres comadres de Windsor, William Shakespeare p. 7-26	1x na semana	Começados e terminados, nenhum	Sim. Livros de épocas passadas, que utilizam de palavreados rebuscados em suas histórias; é possível considerar grande maioria como atemporais	Sim, no caso do meu livro, Shakespeare	Chamou minha atenção por não ter nada escrito em sua capa	Cansativa, por utilizar de uma linguagem extremamente rebuscada
P2	19	Direito	Crime e Castigo, Dostoievski p.7-17	1x na semana	2	Não	Não	Foi um momento meio complicado, pois havia vários livros e escolher um específico foi difícil	Foi bem calma e boa, precisamos nos desligar do mundo de vez em quando.
P3	26	Direito	Guerra e Paz (Tomo 3), Tolstói p.741-745	2 a 3x na semana	5	Sim. São livros que têm recorde histórico de vendas e continuam sendo lidos e vendidos em diferentes épocas	Não	O título de acordo com meu gosto, formação de personalidade e o trecho por ordem de início	Positiva, podendo aproveitar os conhecimentos transmitidos.
P4	27	Direito	As três irmãs p.07-33	1x na semana	2 (Jovens e a ótica e Aprendiz Líder)	Sim. São livros que contam histórias clássicas, como o Pequeno Príncipe	Não	Escolhi o livro Três irmãs, pois somos em três irmãs meninas lá em casa, e a capa do livro, assim como o conteúdo, trouxeram situações simples de escolha e vivência no dia-a-dia.	Foi uma leitura que chamou a atenção, pois traz um texto de forma simples em uma roda de conversa, onde as três irmãs falam de pontos vividos.
P5	42	Ciências Contábeis	Contos de imaginação e mistério, Edgar Allan Poe p.81 (O gato preto) e 261 (O escaravelho de ouro)	1x na semana	1	Não. Imagino que obras clássicas seriam sobre fatos cotidianos, comuns ou até inventados porém que despertassem curiosidade nos leitores e que poderiam levar a criatividade das pessoas bem além.	Não recordo de todos, o que li não conheço.	Pelo título e as páginas pelo assunto.	Foi boa, curiosa emocionante, e que me deteve atenção pelo final do acontecimento, riqueza nos detalhes, ao ponto que lia imaginava os lugares, pessoas e detalhes.

P6	28	Direito	O jogador, Dostoievski Li 20 páginas	Nunca	Nenhum	Sim. São livros que inspiram, tanto pensamentos de vida, bem como a escrever outros livros.	Não. Até porque eu não demorei para escolher	Pelo nome, O jogador.	Ótima, falava sobre o que eu gosto, apostar!
P7	28	Ciências contábeis	O corcunda de Notre-Dame, Victor Hugo p. 92-97	2 a 3x na semana	1 livro	Sim. São livros com histórias antigas e que geralmente só passaram na idade média ou séculos antigos.	Não	Curiosidade, para saber sobre a catedral.	Foi produtiva. Era uma curiosidade minha, porém nunca havia parado para ler sobre Notre-Dame.
P8	19	Ciências contábeis	A dama do cachorrinho, Tcheckov p.95-105	Nunca	Apenas 1. Outros livros foram apenas capítulos lidos	Sim. São livros mais antigos que marcaram a história de alguma forma.	Não	Achei interessante o resumo que o descrevia, já o trecho foi o capítulo que chamou atenção	Pelo título do capítulo imaginei que fosse algo diferente do que li, porém me tocou bastante o texto e assunto que foi abordado.
P9	28	Direito	Crime e castigo, Dostoievski	Nunca	1	Sim. São livros que marcaram época, os quais criam personagens que realmente entram no imaginário e se perpetuam durante os anos	Não	Escolhi o livro que acredito estar mais próximo da minha área, e que talvez possa me identificar mais. O trecho, como não havia sumário, li o capítulo um.	Muito boa, mesmo que o livro escolhido aparente uma didática mais "pesada".
P10	36	Direito	Três contos, Gustave Flaubert p.37 em diante	1x na semana	1	Sim. Livro que deve servir de exemplo para obras futuras	Sim. Gustave Flaubert	Pelo autor	Muito positiva, qualquer tempo destinado a leitura é extremamente positivo.
P11	20	Direito	O pequeno príncipe, Exupéry Li 65 páginas	2 a 3x na semana	Li até então o total de 5 livros	Sim. São livros muito conhecidos que servem para inspiração em diferentes aspectos	Sim. O do próprio livro O pequeno príncipe.	Escolhi ele por já ter tido um contato com o livro, filme e comentários sobre o mesmo perante o entendimento das pessoas.	Foi uma leitura prática, tranquila e prazerosa onde nem vi o tempo passar.

Questionário – 9ª Turma do Bacharelado em Ontopsicologia – 21.06.2023

	Idade	Graduação	Livro escolhido e páginas lidas	Costuma ler no seu tempo livre?	Quantos livros leu neste ano?	Sabe o que são livros clássicos?	Conhecia algum(ns) dos autores dos livros ofertados?	Como foi a escolha do livro/trecho?	Como foi sua leitura?
P12	18	Ontopsicologia	Os três mosqueteiros, p. 12-46	1x na semana	3	Não. Eu não sei explicar bem certo o que são.	Não, só com outros nomes.	Eu escolhi ele pois já olhei o filme.	Foi bem divertida.
P13	18	Ontopsicologia	Contos de imaginação e mistério, Edgar Allan Poe. Conto 'O gato preto' p. 81-92	2 a 3x na semana	3	Sim, são livros antigos que se tornaram referências para ofutos.	Não	Me chamou a atenção, achei diferente dos outros	Foi uma leitura diferente, saí bem da minha zona de conforto, mas foi bom ver uma nova perspectiva.
P14	18	Ontopsicologia	França, Três contos. p. 37-44	Nunca	Inteiros, ainda nenhum	Sim, clássicos são livros ao meu ver com a linguagem mais coloquial, formal.	Não	Escolhi o livro 'Três contos' por me senti atraída por contos	Boa, fiquei interessada em continuar o livro.
P15	18	Ontopsicologia	Crime e Castigo, Dostoievski. p. 9-21	Todos os dias	2	Não. São livros que fazem parte da cultura que foram escritos por autores que marcaram a literatura de alguma forma	Sim, o livro do Pequeno Príncipe	Escolhi o livro porque me chamou atenção o nome e a capa, optei começar pelo começo.	Achei um pouco difícil, pois algumas palavras não eram de meu conhecimento, e a história um pouco confusa.
P16	18	Ontopsicologia	Anna Karienina 22 páginas	1x na semana	5 livros	Não	Somente o autor do Pequeno Príncipe, o restante não conhecia	Foi o primeiro capítulo e segui lendo dali até o capítulo 4. A escolha do livro foi um pouco difícil, pois todos pareciam interessantes.	Excelente! A leitura e o livro são cativantes, continuaria lendo o livro quando puder.

P17	18	Ontopsicologia	O Corcunda de Notre Dame, Victor Hugo p. 9-27	Todos os dias	Em torno de 45 livros	Sim. Livros clássicos são livros que foram escritos há um certo período de tempo e se tornaram bastante famosos, tanto na época, quanto depois. E geralmente tem bastante linguagem coloquial e formal, além de trazerem fortes mensagens.	Sim	Comecei o livro pelo começo, lendo a introdução e palavras do autor, assim iniciando a história	Foi ótima, como já tinha lido, foi bom lembrar essa obra clássica.
P18	18	Ontopsicologia	Escolhi o livro As três irmãs, contos. p. 119-142	2 a 3x por semana	No mínimo 10 completos, e outro somente trechos.	Sim. Acredito que sejam livros que tem bastante conhecimento na história, onde a maioria das pessoas já ouviram falar, de autores renomados e de um período específico da história.	Sim, a maioria. O livro escolhido foi justamente o único autor na mesa que eu não conhecia.	Intuitivo	Maravilhosa, um livro com a leitura um pouco confusa, mas certamente maravilhoso.
P19	18	Ontopsicologia	Dostoiévski, Crime e castigo p. 7-18	1x na semana	3 que terminei	Não	Não conhecia	Foi pelo começo do livro, para ter uma introdução melhor	Foi boa, algumas palavras diferentes e uma maneira de escrita diferente da qual estou acostumado, mas interessante.
P20	19	Ontopsicologia	Contos russos, tomo II p. 19 -77	2 a 3x na semana	Por volta de 11 a 12 livros	Sim. Livros de histórias clássicas, normalmente conhecidas, também, de autores conhecidos.	Não	Gostei do livro e o escolhi, o trecho me chamou atenção o título e decidi ler	Boa, silenciosa, um bom tempo de leitura.
P21	18	Ontopsicologia	O pequeno príncipe. p.6-100	2 a 3x por semana	6 livros	Sim. São livros de histórias ou contos que ao longo do tempo se tornaram importantes para o aprendizado	Não	Eu conhecia a história do livro, mas nunca tinha lido, então aproveitei a oportunidade.	Foi uma leitura incrível, que me fez pensar mais e levar alguns ensinamentos comigo para a vida

ANEXO II – Entrevista em grupo: Transcrição integral

1) **Você sente que ler é uma coisa boa para você? Por quê?**

[Utilitarista-funcional]

“Eu acho que sim, traz conhecimento. Pelo menos lá eu li. Era uma coisa que eu tinha curiosidade de saber como que era (Catedral de Notre Dame) e eu nunca parei para ler. Geralmente leio, faço outras leituras mais pessoais (...) e aí eu consegui ler e consegui ter um conhecimento a mais que eu não tinha.”

“Eu já sou aleatória. Quando estou meio avoada, sem saber o que fazer, mas querendo fazer alguma coisa, eu começo a ler, ler, ler. Aí eu junto o útil e agradável: aprendo alguma coisa e ao mesmo tempo me distraio.”

“Eu penso que todo aprendizado é sempre positivo, e a leitura se feita de uma forma inteligente, específica e concentrada, a gente consegue, pode extrair algum aprendizado. O livro eu escolhi pelo título, o título que me chamou atenção (*Guerra e Paz*), o que mais me chamou atenção, e um conhecimento que eu não tinha foi adquirido. Positivo.”

“Ajuda na oratória. A leitura ajuda bastante em diversas áreas da vida da gente, mas para mim principalmente na oratória e retórica.”

“Até na questão de português, de a gente colocar as palavras e aprender outros termos. Eu, por exemplo, no livro que eu peguei tinham palavras que eu não sabia o significado. Você até disse que podia pegar o telefone (para consultar dicionário), mas ‘eu não vou pegar o telefone’. Tinham várias palavras ali que eu não sabia o significado delas. Então, conforme tu vais, quanto mais tu vais lendo mais tu vais tendo conhecimento, aí tu procuras, né. O próximo livro que tiver uma palavra similar ou até a mesma palavra, daí já sei o significado.”

“Ajuda a montar um vocabulário.”

“Eu sinto, eu gosto bastante de ler, porque é meio que eu saio do mundo real para o mundo onde eu vá me sentir um pouco mais em casa, vamos dizer assim. É bem melhor, porque daí eu me desconecto do estresse do dia a dia.”

“Eu acho importante pelo fato do conhecimento, porque tu conheces. Cada livro que tu lê, tu conheces um pedacinho dum lugar, um pedacinho do mundo, porque cada escritor da sua maneira de escrever, remete um pouquinho a sua experiência de vida.”

“Sim, porque através dos livros tu pode viajar sem sair do conforto da tua casa, imaginar cenários na tua cabeça que vão fazer com que tu se sintas bem.”

“Eu acho que sim, porque além de estimular tua criatividade, tu consegues se transportar para outra dimensão, consegue aprender muitas coisas. Às vezes esquece até que está lendo, parece um filme na tua cabeça.”

“Sim, eu acho que é bom, ao menos pra mim, além de ser um exercício tu aprendes tanto com o ponto de vista do escritor, e também começa a tirar os próprios pensamentos. Por exemplo se é um conto, ou pesquisa ou alguma história real, alguma coisa ali e começa a ter os próprios pensamentos. É uma base de conhecimento.”

“Eu acho que é bom, que é uma maneira da gente ficar sozinha, mas ao mesmo tempo ter a companhia, porque querendo ou não, tem personagem que a gente se apega, tem um mundo que a gente entra e começa a criar imagens e espaços de ter um conforto maior do que talvez no dia a dia.”

“Para mim com certeza é minha segunda casa. Porque a gente consegue ir para outro mundo. Porque é estar ali, mas ao mesmo tempo noutro lugar. E tu vê com o autor perspectivas diferentes, novas experiências em que mesmo sem sair de casa consegue ver aquilo.”; “Sim, porque para mim é uma válvula de escape do mundo real. Eu consigo viajar para uma história e desligar um pouco.”

“Sim, é a junção de todas as respostas, né? Porque a gente entra no mundo do livro e vive o livro. É muito legal viver uma vida que não é tua quando tu estás lendo. Tem que lembrar que tem que voltar para o estresse. [Risos]”

2) Por que nessa atividade você escolheu este livro e não outro?

[vencedor]

“Pela capa, pelo nome. E uma coisa que acho interessante, é que eu gosto de jogar, com jogadores numa mesa, e o livro era O jogador.”

“Como é fácil ler aquilo que a gente gosta, né? É muito bom de ler. Uma leitura mais pesada é meio complicada.”

“Eu sempre tive uma curiosidade sobre Notre-Dame, eu sempre quis saber como era. E eu peguei um capítulo que falava sobre ela. Ali está descrito como foi feita e as alterações que tiveram.”

“Eu escolhi um que eu já conhecia: *O Pequeno príncipe*, já tinha visto filme, lido, debatido, visto comentários sobre como as pessoas entenderam os capítulos, as ligações que ele fez como o que tu leste. Ah, pensa que é só uma leitura tradicional aleatória e aí tu vê que tem

todo um significado, uma coisa por trás que encaixa no dia a dia. Ele é muito bom, muito legal de lembrar.”

“Eu escolhi porque era ‘Crime e alguma coisa’, achei mais parecido com a minha área [referindo-se ao curso de Direito]. E o livro não tinha... [puxando na memória a palavra sumário], daí eu vou ler o primeiro, mas não tinha nada sobre crime.”

“Só porque tinha crime, mas daí li e não achei crime.”

“O meu foi o contrário, escolhi pelo resumo achando que era romance, que é o tipo de livro que eu gosto, mas não tinha nada a ver com isso.”

“Eu escolhi porque na capa tinha ‘3 irmãs’, porque lá em casa nós somos três irmãs. Então me identifiquei com a capa do livro. Eu gostei bastante porque as três irmãs falam em trechos separados, e cada uma contando um pedaço do seu dia a dia, da sua história. O pai delas era da brigada e acabou falecendo. Depois, veio outro comandante e começaram a conversar e trocar ideias. Elas falando que queriam voltar para a cidade onde moravam, Moscou, mas uma irmã queria ficar e as outras duas queriam ir. Gostei bastante da história. Fala também em pontos do dia a dia que a gente acaba vivendo.”

“Como eu falei eu escolhi pelo título. Excepcional. Claro que no tempo que a gente teve só consegui ler cinco páginas, praticamente cinco páginas, mas deu para ver que ele falava mais ou menos no sentido de que se criavam as guerras. Que as guerras são coisas que já são da natureza, e que na verdade os personagens geralmente, sejam governantes que iniciam guerra um com o outro, as pessoas que participam da guerra, elas na verdade não são protagonistas – porque isso iria acontecer de uma forma ou de outra. Isso é o que deu para entender ali, que o autor defende isso. Que as guerras tendem a acontecer, e que se não fosse o Putin e o Zelensky, seria o João e José. A guerra estava predestinada a acontecer. Foi o que deu para entender naquelas cinco páginas. E contou histórias do início da guerra que teve na Rússia, em 1800 por aí.”

“Eu escolhi pela capa e pelo título. Era Contos de horror e mistério. Falava em mistério e imaginação. Na verdade, não era nada a ver com o que eu imaginei que fosse ser a leitura”.

“Porque era rosa, e eu enxerguei de longe. [Risos]”

“O meu eu escolhi a capa. Eu adorei a capa que mais me chamou atenção e prestando atenção era um dos únicos livros que tinham na mesa que eu ainda não sabia, ainda não conhecia o autor, ainda não tinha conhecimento do que poderia ver dentro do livro. As três irmãs.”

“Escolhi o meu por causa da capa. A cor dele achei bonito, vermelho, e o detalhe que tinha nele e por causa do título. Nunca tinha ouvido falar e me interessei tanto pela capa quanto pelo título: Crime e castigo.”

“Escolhi o meu por causa da capa, e para sair da minha zona de conforto. Eu quis pegar uma coisa nova. Contos de horror e mistério.”

“Eu já escolhi o meu livro porque o título dele era, não um título que dizia o que continha naquele livro, e sim o nome de uma pessoa. Que até onde eu li, não apareceu o nome dessa pessoa, mas só tinha nomes, na minha opinião, que eram russos. Porque são nomes muito longos, sem saber distinguir se é homem ou mulher. E porque eu achei bem interessante o desenho que tem na capa dele, e até onde eu li eu achei bem intrigante o livro.”

“Escolhi o meu, porque eu já conhecia a história e se eu vejo filme, eu conheço alguma coisa, eu gosto de ler depois porque no filme nunca mostra tudo o que realmente aconteceu, mostra só uma parte, aí eu gosto também para saber todo o resto.”

3) Você sentiu alegria ou outro sentimento positivo durante o ato da leitura?

[alegre]

“Eu não, bem ao contrário.”

“Não pela leitura, mas por mim mesmo, porque sou uma pessoa que não lê, que não tem o hábito de ler. Tive o hábito de querer começar a ler para dormir, porque chegamos da aula muito agitados e particularmente me facilita bastante começar a ler para dar sono. E aí eu lendo dava sono e eu dormia. Eu não leio mesmo, só leio o que precisa para estudar. Fiquei feliz por mim, não pela leitura que eu estava fazendo. (...) É bem legal esse hábito (...) Foi bem interessante, a gente se entrega realmente para a leitura. Para filme, eu não consigo ver, porque o telefone, qualquer mensagem, a gente quer ver, e desvia nossa atenção até no trabalho. Com a leitura - que é mais difícil de concentrar do que um filme - hoje eu consegui fazer isso.”

“É difícil eu ler. E para eu conseguir me controlar eu botei o celular no modo avião. Então eu me joguei no sofá e naquele momento foi minha paz. Era o meu momento, estava em paz, era como se eu não estivesse na biblioteca. Como se eu estivesse dentro do livro, porque quando a gente lê a gente começa a imaginar as cenas. Eu estava ali focado. Foi apenas quando alguém se levantou e cruzou por mim e “Opa, eu estou aqui. Voltei.”

“Eu adoro ler, adoro isso. Acho incrível, ainda mais o livro que peguei *O Pequeno príncipe*, que é magnífico e eu indico a todos. Eu só fiquei triste porque eu queria ter lido ele

todo, ele tinha 126 páginas e li 65, se tivesse me dado mais um período ‘eu tinha matado ele inteiro’. Ele é muito bom, ele é muito bom, ele faz várias ‘linkagens’ com a atualidade, ele fala da percepção de um adulto perante a percepção de uma criança. E faz aquela ‘linkagem’ até com os pecados capitais quando ele vai aos mundos. Que tem o dono do mundo bêbado, que fala a questão da bebida; o rei que queria ter o poder da voz ativa de poder ser quem mandava; falava do mundo que tinha a pessoa que gostaria de ser elogiada, gostaria de se sentir encantada pelos outros... Então, é muito incrível, muito incrível.”

“Para mim não teve sentimento porque eu estava, estou lendo ali, eu não me envolvo na história, né. Estou acompanhando para entender, não esboço reação, mas para mim eu gosto de ler, então para mim é ótimo, mesmo aquilo que eu não, no caso, não é propriamente um livro que geralmente a gente vê o título ‘gosto de tal assunto’ e vai direcionado. Ali, no caso, já tinha as opções que a senhora tinha deixado disponíveis para a gente, e dentro dessas opções o título que me chamou a atenção foi aquele e para mim foi interessante, foi bem interessante. Não teve sentimento, não fiquei, a história não era tão triste, né, era uma história comum, então foi bem tranquilo.”

“Eu peguei um livro e li 3 ou 4 páginas (*Contos russos*). Aí começa com uma pergunta: uma pessoa perguntou para outra para contar a história do seu primeiro amor. Na primeira pergunta eu já saí do livro para pensar sobre ‘qual foi o meu primeiro amor?’. ‘Será que foi amor?’ E aí o livro já nas próximas linhas começa a provocar para perguntar ‘será que foi amor?’, ‘será que não foi?’, ‘que será que foi aquilo, foi uma decepção? foi uma tristeza? foi a pessoa que teve foi gentil contigo? E logo na sequência que vi essa provocação eu saio um pouco do livro e fico pensando e remoendo aquilo... ‘será que aquela vez...?’. Aí tu começa a refletir quando para e pensa inclusive na situação atual que está hoje. Voltou a puxar o gancho para a atualidade: ‘o que é isso que tu tá vivendo agora, o que é de fato esse sentimento?’”

“Eu li *Os Três Contos*, de Flaubert. Eu sou do tempo do vestibular e das leituras obrigatórias da literatura Brasileira. Eu ficava muito bravo com isso porque eu acho que é muito ruim tu condicionares ‘Tu tens que ler determinada coisa’ e exigir depois que a pessoa responda alguma coisa. Eu acho que a literatura é uma parte justamente para fugir da tua realidade, procurar uma coisa que faça bem para ti. Condicionar uma pessoa a ler ‘isso aqui’ sempre me incomodou bastante. E o *Três Contos* faz justamente isso, uma crítica à sociedade, com o livro que li hoje. Pela leitura eu fiquei muito bem, mas só que pela história triste não, apesar de a personagem ter o nome de Felicidade.”

“Isso é muito real, no sentido de que muita gente pega desgosto pela questão dos livros por ser obrigado a ler tal tipo de livro, para fazer tal tipo de trabalho. A minha professora sempre me dizia ‘vou largar vocês na biblioteca e escolham o livro que vocês quiserem, pela capa ou pelos personagens, porque eu quero que primeiramente vocês peguem o gosto da leitura para vocês discernirem que tipo de livro gostam. Que depois poderá ser ‘linkado’ ao Enem ou ao vestibular, porque ela disse ‘a gente é acostumado a começar o contrário, a obrigar e daí não pega gosto. E isso vai até a velhice. Não gosto porque fui obrigado, porque é massacrante.’”

“Também sou do tempo do vestibular e como a abordagem foi diferente. Lembro do ensino fundamental quando os professores comentando para gente ler *Memórias póstumas de Brás Cubas* [Machado de Assis]. Eu lembro como fosse hoje a leitura. Tem *Memórias de um sargento de milícias* [Manuel Antônio de Almeida] também. *O cortiço* [Aluísio Azevedo]. Só que são coisas que o professor começou a ensinar e incentivar a aprender a ler, lá na quinta série. Me encantei com *Memórias póstumas de Brás Cubas* e nunca vou esquecer. Pega pontos da história do Brasil, como as pessoas se comportavam e como que era realidade. Para mim não foi forçado. Claro que hoje não tenho o hábito de ler livro, de verdade. Quem é do Direito sabe que a gente tem que ler muito, então a gente não vai ler livro. A gente vai ler sobre a lei, jurisprudência. O professor vai instigar a gente a trabalhar dentro disso, onde se dedica muito mais o tempo dentro disso do que propriamente livro. Hoje que não fui forçado, foi ao natural. Eu escolhi um livro e já que é para ler, vamos ler! Me senti bem. Me deixou escolher. Não foi forçado. Na quinta série o professor disse ‘vão ter que ler para faculdade, para fazer vestibular, esses livros’. Para mim foi um prazer natural.”

“Eu acredito que na nossa atualidade a tendência será ler cada vez menos, ler trechos pequenininhos, cada vez vamos ler menos. Hoje, como chat GPT, a gente não vai ler nada!”

“Eu ri sozinha. Eu nem percebi, sabe? Eu estava rindo assim, depois ‘opa, estou na biblioteca, não posso dar risada”.

“Eu senti o que a personagem estava sentindo. Quando ela falou que sentiu medo, eu senti medo. Também fiquei feliz porque teve umas reviravoltas.”

“Eu fiquei feliz. Dei um pouco de risada na parte do final de um diálogo dos dois personagens. No meio estava sem entender o que estava acontecendo, sobre quem era, quem estava falando, quem estava ouvindo. Eu fiquei meio confuso, mas depois eu comecei a entender e aí dei risada em algumas falas.”

“Achei interessante no modo de ele ser muito crítico com todo mundo e caracterizar as pessoas”; “Senti medo, porque tinham partes muito pesadinhas. Eu li o conto *Gato Preto* [Edgar Allan Poe].”

“Teve sentimentos positivos, mas não só alegria, teve também sentimentos melancólicos.”

4) Você sentiu vontade de continuar ou terminar este capítulo ou este livro, e buscar outros do mesmo autor?

[criativo]

“Sim, eu gostei do livro pelo jeito que iniciou. Começou pelo meio da história, eu tive curiosidade. Já chega dizendo em relação a um general. Eu preciso do contexto. Daí lá pelo segundo capítulo comecei a linkar quem é fulano, sicrano, é apaixonado pela menina, porque aquele comportamento do início do livro. Me chamou atenção o autor em si. Já tinha ouvido falar em Dostoievski, mas nunca tinha lido um livro dele.”

“Eu não, porque sou bem objetiva em leitura. Ele me chamou atenção porque era uma curiosidade que eu tinha e queria saber. Li todo o capítulo que falava do assunto (catedral de Notre-dame), era o que eu queria, absorvi aquilo e já consegui visualizar tudo como foi na época. Para mim foi essa parte foi satisfatória, e não teria por que seguir.”

“Apesar de ter gostado da história eu não senti vontade de ler mais sobre a história e o autor, porque o problema de quem gosta de ler é o tempo para ler. Então, já que cheguei à conclusão de que não vou ter tempo para ler um monte de coisa que eu gostaria, eu já priorizei um autor que estou lendo alguns livros (até já comentei com a senhora). Estou focando naquele autor, justamente porque eu já sei que tem tanta coisa boa e não vai vencer, o tempo não permite.”

“Eu acho que eu continuaria a leitura. Gostaria de saber qual foi o final. Ele começa a relatar a história porque falou que não ia abrir a história falando, mas ia escrever o que lembrasse num caderno e iria entregar para que os outros amigos fizessem a leitura. Eu fiquei instigado para entender saber qual foi o primeiro amor, qual foi o olhar dele sobre aquele primeiro amor.”

“Sim, eu senti vontade, porque eu vi o início ali aí na hora que foi para responder o questionário, ele (personagem) estava no meio de uma conversa. Eu ainda quero entender o que estava se passando ali, sobre onde é que vai parar aquele diálogo daqueles dois.”

“Se não tivesse que responder ao questionário, ainda estava lendo.”

“Todo mundo poderia ter continuado até o final da aula.”

“Sim, já peguei o meu.” [referindo-se que fez o empréstimo na biblioteca]

5) Tal leitura fez você pensar no sentido da vida?

[espiritual ou transcendente]

“Sim, meu livro é totalmente ‘linkado’ com coisas lúdicas, mas com um significado por trás. Ele é muito magnífico: vai falar da rosa, de como ela era cuidada, de como uma pessoa pode ser amada, de como ela deve ser cuidada, da despedida, de quando o pequeno príncipe deixa a rosa. Então, tem a ver totalmente com a humanidade só que de uma forma muito lúdica e muito simples, fácil de compreender, muito agradável.”

“É muito fora da minha realidade.”

“Por exemplo, da minha opinião sobre as guerras. Ele faz refletir sobre isso. Querendo te induzir a crer que guerra faz parte e sempre vai fazer parte. Não estou concordando com a tese dele mais foi essa reflexão que buscou fazer ali”.

“Eu não li o teu livro, mas achei interessante o que tu comentaste. E eu concordo com isso: como é que tu vais saber o que é a paz se não tiver guerra? Ou o que é bom se não tiver o mal?”

“Várias potências saíram da guerra, a Alemanha, por exemplo. Não estou defendendo o nazismo, nem nada, mas olha o que virou a Alemanha depois.”

“A guerra reforçou a evolução.”

“O meu teve um ponto, quando traz as alterações (da catedral de Notre-Dame) que teve ao longo do século. Tem uma crítica que hoje a modernidade altera muito a real história passada. Quando foi feita de um jeito, os arquitetos iam mudando com o passar do tempo, iam mudando e até o tempo desmanchou algumas partes. Senti uma crítica da época quando foi publicado o livro de que os arquitetos queriam tudo muito mais romantizadas e mais novas e acaba perdendo o real sentido da coisa como ela era quando foi feita.”

“O meu eu acho que não porque a situação da mulher no livro não era muito legal e eu acho que nenhuma mulher ia querer, ou nenhuma pessoa ia querer passar pelo que ela estava passando. Em ter descoberto aparentemente uma traição do marido.”

“O meu, mais ou menos, porque teve partes assim que me chamou bastante atenção. Até marquei o nome do personagem. Ele mora numa cidade que tem 100.000 habitantes. É muito

engraçado porque naquele momento do livro tem batalhões que está começando uma guerra. E depois que esses batalhões vão embora, ele enxerga que todo mundo vive da mesma maneira, do mesmo jeito, e é mais ou menos como eu via as coisas antes de vir aqui para o Recanto, sabe? Tipo, a percepção é que todo mundo vive as coisas do mesmo jeito e faz parte do sistema que é contínuo. Daí ele é aquela pessoa que percebe.”

“Eu aplicaria em parte, porque a personagem principal ela era muito forte, muito rápida, ela mudava a vida completamente de uma hora para outra e não ligava para nada. Então nessas partes, sim (pensava no sentido da vida), mas não porque ela fazia coisa boa.”

“Fez questionar por que as pessoas eram tão ruins. Do jeito que agiam e eram desagradáveis e fúteis o tempo todo. Um modo meio automático.”

“O meu livro não me fez pensar no sentido da vida.”

“Eu gostei, mas estou acostumada a ler romance. Tinha fantasia também, mas é super fora da minha realidade. Então foi bom de ter outra perspectiva de leitura. Bem diferente.”

“Para mim também foi diferente, porque eu sou uma pessoa que lê muito mais romance e livro de autoajuda do que de qualquer outro tipo de livro. Então, foi diferente e ler um livro diferente do que eu estou acostumada a ler agora, não com tanta frequência, e ler aquela situação horrorosa... é muito diferente.”

“Eu não saí da minha zona de conforto, mas foi um livro que me deixou confusa. Quando eu estava começando a entender eu parei de ler. Para mim, ficou muito confuso o início. É que o início sempre é confuso. Daí quando começou a entender assim, daí acabou o tempo.”

“Senti que tinham palavras muito difíceis, o personagem não entendia muito bem se estava falando dele ou de outra pessoa, o que estava acontecendo na vida dele. E eu achei muito interessante assim, porque depois, no finalzinho, estava começando a entender quem ele era, que ele era um jovem estudante. E estava muito perdido na vida, não gostava de pessoas e de socializar, mas estava recém se adaptando ao mundo. Eu achei muito interessante a visão dele, porque passou por situação parecida com a pandemia, de estar recluso. E ter que passar pela experiência de socializar, voltar para o exterior, que era o que estava fazendo, porque ele ficou muito seu recluso, pelo que eu entendi. E daí ele estava saindo e queria conhecer pessoas, mas ele não gostava de pessoas.”

“O meu me marcou pelo português. O livro era muito coloquial [querendo dizer formal]. Gente, como sou burra na minha língua! Como eu falo errado!”

“No meu livro também. Foi uma leitura bem mais difícil do que estou acostumada, porque os livros, ainda mais esses clássicos que geralmente são antigos têm palavras mais rebuscadas de português do que o que utilizamos hoje em dia. Daí se tu não pegares e sentar sozinha e prestar atenção, é uma leitura maçante. Demora para fluir, para se aprofundar, demorou um pouquinho para pegar a leitura.”